



Ilustração de Jorge Arbach / e-mail: jarbach@zaz.com.br

Virou o escondimento do Brasil

O que estão fazendo com o Descobrimento do Brasil é uma vergonha. A combinação de oportunismo político com falta de imaginação institucional, está matando a festa. Em vez de usarmos a oportunidade de descobrir e passar o Brasil a limpo, conforme falei aqui no domingo passado, estamos usando o aniversário dos 500 anos para darmos ao mundo uma gigantesca demonstração de desdém por nós mesmos. Num sentido preciso, portanto, não se trata de comemorar uma descoberta, o dia em que se lançou a semente de um País chamado Brasil, mas de descomemorar um escondimento.

É isso mesmo: um escondimento cujo símbolo maior e mais acabado, é a compra ridícula de maiôs e sungas para os índios feita pelo ministro do Esporte e do Turismo. Compra reveladora da burrice institucional que tem mapeado e emoldurado a festa.

Se para os portugueses de 1500, o choque da nudez dos índios foi tratado como surpreendentemente belo por Pero Vaz de Caminha, para Rafael Greca, ministro encarregado das comemorações da virada do milênio, os índios Pataxós devem se apresentar homogeneamente. Ou seja: devem aparecer diante das auto-

Esqueceram de uma série de questões culturais pungentes

ridades, devidamente uniformizados de modo que não "destoem" e não venham a promover uma visão demasiadamente colorida e heterogênea (leia-se "pobre" e "feia") de si mesmos. Como se o exagero, o excesso de cores e de tudo mais, a abundância, o rompimento com normas estéticas burguesas e a ausência de "bom-gosto" fossem estranhas ao Brasil e a sociedade brasileira.

Mas isso não é tudo, pois do "escondimento dos corpos", passamos rapidamente para o pleno esquecimento de uma série de questões culturais pungentes.

Daí esse antidescobrimento do Brasil quando o programa das comemorações só contempla acontecimentos superficiais, no melhor modelito oficial-itamaratiano, perfeito em termos convencionais, mas tremendamente falho no que diz respeito ao seu simbolismo. Daí a idéia da réplica dos navios que, fico sabendo pelos jornais, estão impedi-

dos de navegar por falta de lastro! Daí as representações de danças indígenas e primeiras missas, teatros ralos nos quais se dá mais atenção aos descobridores do que aquilo que descobriram e, pior que isso, ao que se fez a partir da descoberta! Daí, finalmente, esse "escondimento" tolo e impraticável da nossa imensa dívida para com os excluídos, os explorados, os marginalizados, os sem-terra, os sem-casa, os pobres e, entre eles, os negros que foram escravizados e até hoje sofrem discriminação e preconceitos.

Ou seja: o governo FHC, na sua obsessão financeira liberal, caiu na pior das armadilhas. A armadilha do convencionalismo festivo. Pensou-se comemorar esses 500 anos co-

E faltaram as 500 palavras de boas vindas aos excluídos

mo se faz um a festa de debutante. Programa-se um baile, compra-se um bolo com velas, cantam-se os parabéns e a criadagem serve orgulhosamente os convidados que se divertem à vontade. Tudo dentro da mais plena ordem e com a mais francesa das "educações".

No caso dos 500 anos, pensou-se somente no conceito trivial de cultura. De cultura enquanto sofisticação e cosmopolitismo. Com isso, foram planejados um sem número de seminários, publicações e exposições de arte. Mas deixou-se de lado a visão substantiva de cultura. Da cultura como modo de ser, fazer, pensar e, sobretudo, pertencer. Com isso esqueceu-se de promover e de disseminar tudo aquilo que os quadros, a música e os livros dizem do Brasil.

Preferindo falar de um Brasil burguês e convencional, programamos um aniversário para um nobre quando, de fato, deveríamos ter pensado numa festa aberta e generosa de pobre. Uma comemoração carnavalesca, cujo valor central seria a inclusão, a alegria e a generosidade de um Brasil disposto a dialogar consigo mesmo.

Estão faltando, pois, nessa festa dos 500 anos, as 500 palavras de boas vindas aos excluídos, as 500 músicas, livros, filmes e vídeos que, tratando das nossas coisas, revelariam novos talentos. E, por fim, as 500 ações que juntariam o Brasil dos ricos e dos governantes com o Brasil dos pobres e dos governados. Daí, como diz o próprio presidente, o velório...

Roberto DaMatta é antropólogo, professor da Universidade de Notre Dame, em Indiana (EUA), autor, entre outros, de *O que Faz o Brasil Brasil*, *Carnavais*, *Malandros e Heróis* e *A Casa e a Rua*